

DOS PADRÕES EUROPEUS A UMA ARTE GENUINAMENTE BRASILEIRA

LUCAS, Juliene Silveira¹; CAMARGO, Maria Aparecida Santana²

Palavras-Chave: Pintura. Paradigma. Mudança. Modernismo.

O presente estudo é de caráter qualitativo e de cunho bibliográfico, tendo como objetivo investigar um dos marcos mais importantes para a mudança cultural brasileira: A Semana de Arte Moderna de 1922. A mesma realizou-se em São Paulo, no Teatro Municipal, no período de 11 a 18 de fevereiro. O principal propósito do movimento foi a renovação e a transformação do contexto artístico e cultural urbano da época. Além disso, tinha o intuito de mudar a forma de produção artística, criando uma arte essencialmente brasileira, embora permanecesse em sintonia com as novas tendências europeias. Durante uma semana a cidade de São Paulo entrou em plena ebulição cultural, sob a inspiração de novas linguagens, de novas experiências artísticas e de uma liberdade de criação sem igual, com o conseqüente rompimento com as regras e formas artísticas do passado, difundindo novos conceitos. O movimento do modernismo no Brasil eclodiu em uma época em que o país vivia conflitos políticos, sociais, econômicos e culturais. Em meio a todas essas agitações surgiram as vanguardas artísticas e linguagens liberadas das antigas regras e disciplinas. Porém, todas essas novidades propostas não foram bem aceitas pelos tradicionais paulistanos. E em plena vigência da República Velha, acostumada com modelos estéticos europeus mais arcaicos, a inovação foi considerada como uma afronta à sensibilidade artística da elite. Percebendo que era preciso a mudança e a adequação aos novos tempos, a nova geração intelectual decide mudar os conceitos do século XIX. Como principal insatisfação vinha a Poesia, que já recebia influência de movimentos como o Futurismo, o Cubismo e o Expressionismo. Uma das artistas modernistas brasileiras, a pintora Anita Malfatti, trouxe consigo da Europa experiências vanguardistas, e em sua exposição no ano de 1917 recebeu duras críticas de Monteiro Lobato, provocando assim o nascimento da Semana de Arte Moderna. Participaram da Semana artistas como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Yan de Almeida Prado, John Graz, Oswald Goeldi, entre outros, na Pintura e no Desenho; Victor Brecheret, Hildegardo Leão Velloso e Wilhelm Haarberg, na Escultura; Antonio Garcia Moya e Georg Przyrembel, na Arquitetura. Entre os escritores encontravam-se Mário e Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Plínio Salgado, e outros mais. A Música estava representada por autores consagrados, como Villa-Lobos, Guiomar Novais, Ernani Braga e Frutuoso Viana. Conclui-se que a Semana não foi tão importante no seu contexto temporal, mas o tempo lhe presenteou com um valor histórico e cultural talvez nunca imaginado por seus idealizadores. As ideias de seus participantes não eram comuns a todos, por isso ela foi tão importante na difusão de tendências como O Movimento Pau-Brasil, O Movimento Verde-Amarelo, O Grupo Da Anta e o Movimento Antropofágico. O principal legado da Semana foi a libertação da arte brasileira dos padrões europeus, dando início à construção de uma cultura essencialmente nacional.

¹ Acadêmica do 2º semestre de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo da UNICRUZ/RS. E-mail: julienesilveira@hotmail.com

² Docente da UNICRUZ/RS, Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos (GPEHP). E-mail: cidascamargo@gmail.com